



Líder da Tintas 2000 ao Ágora

“As empresas são as pessoas”

A Tintas 2000 foi a segunda empresa a estabelecer-se no Parque Industrial, um dos maiores espaços industriais do país. Liderada por António Ambrósio, a empresa completou recentemente 25 anos de existência e comprou a Marilina, outra unidade fabril de tintas. Em entrevista ao **Ágora**, António Ambrósio referiu o seu gosto por trabalhar diariamente com gente nova, simples

e aplicada.

Ágora – Quais os benefícios que a celebração do 25º aniversário trouxe à Tintas 2000?

A.A. – Para além de termos feito uma festa de convívio entre funcionários, fornecedores, administração e amigos (risos), 25 anos de existência permitiram dar um enorme reconhecimento à empresa e fazer com que possamos levar o nome da empresa

a ainda mais pessoas. **Qual é a estratégia de funcionamento da empresa?**

A empresa tem bons recursos humanos. Damos importância ao trabalhador, porque, no fundo, as empresas são as pessoas. Somos bastante exigentes e sabemos reconhecer um funcionário que corresponde às expectativas da empresa. É esse o segredo.

O Negócio do ano 2006 no mercado das tintas foi a compra da Marilina. Até agora, o negócio tem correspondido às expectativas?

O negócio está a ultrapassar completamente as nossas expectativas. Eu comecei a minha vida profissional na Marilina e, por isso, para que a compra se concretizasse, também pesou a parte sentimental. Para além disso,

é uma empresa com uma ótima imagem no mercado. A cultura empresarial é diferente. Teve que haver uma adaptação, mas os objectivos estão a ser conseguidos.

Quem ficou a ganhar mais com esta compra?

A Tintas 2000, porque foi a compradora. A empresa cresceu, ganhou mais impacto e adquiriu uma outra empresa que

existe há 75 anos.

Para pintar uma casa recomenda Tintas 2000 ou Marilina?

(risos). Eu acho que fica bem pintada com ambas, mas, muito mais importante do que o produto a aplicar na superfície, é preciso saber aconselhar o produto indicado para a superfície a pintar.

Alexandra Martins

Vânia Gomes

José Filipe Martins

Prostituição na Zona Industrial da Maia

“300 euros por dia!”

Reportagem:

Alexandra Martins

Luís Cunha e Lima

Vânia Gomes

A prostituição é uma realidade visível para os que conhecem a Zona Industrial da Maia. Todos os dias, mulheres esperam pelo próximo cliente, por entre edifícios empresariais e ruas movimentadas. Mónica (nome fictício) é uma dessas mulheres. Prostituta desde os 17 anos, a jovem tem

agora 20 anos e, três anos passados, mantém-se presa a uma vida de risco. O **Ágora** conseguiu chegar à fala com a jovem e dar a conhecer uma realidade antiga mas sempre polémica. Os olhos brilhantes e as mãos trementes deram início a uma conversa sobre uma vida difícil.

Ágora – Ser prostituta é perigoso?

Mónica – Sim, sou muitas vezes assaltada. Não passam duas semanas sem ser assaltada pelo menos uma vez.

O que faz a polícia face a este problema e à prostituição que aqui tem lugar?

Como não estamos ilegais, a polícia passa, olha e não faz nada. Por um lado, temos maior liberdade para podermos prosseguir com a nossa actividade e isso é bom. Por outro, senti-

mo-nos mais inseguras.

Quantos clientes tem por dia?

Em média, talvez 15 clientes.

Tem clientes habituais?

Sim, há clientes que já conheço bem e que vem cá pedir os meus serviços muitas vezes. Sobretudo trabalhadores ou moradores aqui das redondezas.

Quanto dinheiro ganha por dia?

Talvez 300 euros. Levo 20

euros a cada cliente, por 15 minutos de serviço. Como não sou explorada por ninguém, fico com o dinheiro todo para mim.

Utiliza métodos contraceptivos?

Sim, exijo sempre o uso do preservativo. Alguns homens pedem-me para não usar, mas eu não aceito.

Pouco depois, um carro parou e a cadeira de plástico branco ficou vazia...

“A prostituição não é legal mas também não é crime”

Nem é legal, nem é crime. Nada consta sobre a prostituição no Código Penal. Crime é o lenocídio.

Neste enquadramento, é compreensível que as forças policiais não actuem. “Não há nada que proíba a prostituição. Ela não é legal mas também não é crime” - garante-nos uma fonte bem colocada. Diz, quem sabe,

aquilo que às vezes acontece: “Estas mulheres são, por vezes, assaltadas, mas noutros casos são elas que assaltam os próprios clientes. Só nessas situações é que as prostitutas poderão ser identificadas. Mas isso raramente acontece talvez por que os clientes, por vergonha, não querem dar a cara”.

A cadeira dos intervalos



Curso de Ciências da Comunicação

Três Especialidades:

Jornalismo / Comunicação Organizacional / Marketing e Publicidade

Av. Carlos Oliveira Campos Castelo da Maia / 4475-690 Avioso S. Pedro
tel 22 9866000 / fax 22 9825331 / Linha Azul: 808202214 / <http://www.ismai.pt>

